



COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA.

ISSN: 2236-8000

v.21, n.1, p.135-154, jan.-jun. 2026

Ataques misóginos no *Instagram*: mediações algorítmicas e performatividade política de Janja Silva nas Eleições de 2024

Ataques misóginos en Instagram: mediaciones algorítmicas y performatividad política de Janja Silva en las Elecciones de 2024

Misogynistic Attacks on Instagram: Algorithmic Mediations and Janja Silva's Political Performativity in the 2024 Elections

Janaina AIRES

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017). Mestre pela mesma instituição (2014).

E-mail: janaine.aires@eco.ufrj.br

Thâmara ROQUE

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídias (PPgEM), pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

E-mail: roquethamara@gmail.com

RESUMO

Este artigo investiga como algoritmos e plataformas digitais influenciam manifestações misóginas dirigidas a mulheres na política, com foco em Janja Silva durante o segundo turno das eleições municipais de 2024, em Natal-RN. Nossa hipótese é que algoritmos e dinâmicas de plataforma amplificam ataques misóginos contra mulheres na política. A partir de métodos computacionais e análise qualitativa, evidencia-se como a presença pública de Janja Silva desafia normas de gênero e a expõe a formas sutis e abertas de violência simbólica, intensificadas pelas mediações algorítmicas.

Palavras-chave: *Misoginia algorítmica; Instagram; Janja Silva; gênero e plataformas digitais.*

RESUMEN

Este artículo investiga cómo los algoritmos y las plataformas digitales influyen en manifestaciones misóginas dirigidas a mujeres en la política, con énfasis en Janja Silva durante la segunda vuelta de las elecciones municipales de 2024 en Natal-RN. Nuestra hipótesis es que los algoritmos y las dinámicas de plataforma amplifican los ataques misóginos contra mujeres en la política. A partir de métodos computacionales y análisis cualitativo, se evidencia cómo la presencia pública de Janja Silva desafía normas de género y la expone a formas sutiles y abiertas de violencia simbólica, intensificadas por las mediaciones algorítmicas.

Palabras-clave: *Misoginia algorítmica; Instagram; Janja Silva; género y plataformas digitales.*

ABSTRACT

This article investigates how algorithms and digital platforms influence misogynistic manifestations directed at women in politics, focusing on Janja Silva during the second round of the 2024 municipal elections in Natal-RN. Our hypothesis is that algorithms and platform dynamics amplify misogynistic attacks against women in politics. Using computational methods and qualitative analysis, the study highlights how Janja Silva's public presence challenges gender norms and exposes her to both subtle and overt forms of symbolic violence, intensified by algorithmic mediations.

Keywords: *Algorithmic misogyny; Instagram; Janja Silva; gender and digital platforms.*

Introdução

As plataformas digitais têm se consolidado como arenas centrais de disputa simbólica e política. No Brasil, quando figuras femininas se inserem neste espaço, sobretudo aquelas associadas a papéis historicamente relegados à esfera privada, como o da primeira-dama, emergem resistências que se manifestam por meio de violências discursivas, ataques misóginos e práticas de ódio. Esses episódios não apenas evidenciam a permanência de estruturas patriarcais nas dinâmicas sociopolíticas, mas também revelam como os mecanismos de mediação algorítmica das plataformas digitais contribuem para intensificar a visibilidade e, simultaneamente, a vulnerabilidade dessas mulheres (Santini *et al.*, 2024).

O contexto das eleições municipais de 2024 no Brasil fornece um caso exemplar desse fenômeno. A atuação da primeira-dama Janja Silva em apoio a candidaturas do Partido dos Trabalhadores, em especial à disputa de Natália Bonavides pela prefeitura de Natal (RN), marcou um gesto de ruptura com a lógica tradicionalmente masculina da política institucional. Sua presença em palanques, associada ao uso estratégico do Instagram, constituiu uma performance política que desafiou a masculinidade hegemônica na esfera pública (Butler, 2018), ao mesmo tempo em que projetou uma narrativa de sororidade e fortalecimento da participação feminina na política.

Janja Silva anuncia que deseja “ressignificar o que é ser primeira-dama”, associando ao primeiro-damismo o que pode ser denominado como “cidadania comunicativa de gênero” (Scarrone; Saggin, 2024), conceito que aponta para a reconfiguração em andamento do primeiro-damismo no Brasil. Como destacam as autoras, ainda que elementos tradicionais e estereotipados persistam, tais aparições tendem a ocorrer em menor volume, dando lugar a práticas que tensionam padrões de gênero historicamente cristalizados.

Todavia, a inovação na ocupação desse espaço não se dá sem resistências. A visibilidade conquistada pela primeira-dama também a expõe a narrativas misóginas e ataques violentos, especialmente no ambiente das plataformas digitais. Diante desse cenário, o problema que orienta este artigo consiste em compreender de que forma a performance política de Janja Silva nas plataformas digitais, durante as eleições de 2024, foi mediada por lógicas algorítmicas que amplificaram tanto sua potência simbólica quanto sua exposição a ataques misóginos. O objetivo central é analisar a atuação digital da primeira-

dama, tomando como foco suas publicações no *Instagram* e os modos como estas foram atravessadas por dinâmicas de gênero, algoritmos e violência política.

Parte-se da hipótese de que, ao tensionar representações tradicionais de gênero e ocupar um espaço de visibilidade política, Janja Silva tornou-se alvo de narrativas misóginas que não apenas reforçam estruturas patriarcais, mas também são potencializadas pela lógica algorítmica das plataformas, configurando um campo de disputa simbólica em que a performatividade política feminina é simultaneamente fortalecida e atacada. A atuação de Janja Silva nas eleições de 2024, especialmente no *Instagram*, não apenas mobiliza estratégias de comunicação e performatividade política, mas também revela os limites e perigos impostos às mulheres que ousam participar do cenário político.

O estudo analisou postagens de Janja Silva no Instagram em apoio à candidatura de Natália Bonavides à prefeitura de Natal-RN, considerando a relevância política e simbólica da cidade durante as eleições municipais de 2024. Foram selecionadas publicações com maior impacto e engajamento, especialmente relacionadas à presença física de Janja Silva na cidade durante o segundo turno. Utilizando a extensão *IG Comment Exporter*, extraímos 1.755 comentários públicos, que foram organizados e limpos em *Python* no ambiente *Google Colab*, incluindo remoção de ruídos, padronização e tokenização dos textos. Em seguida, aplicou-se análise de emoções por meio do modelo da *Hugging Face*, categorizando os comentários em raiva, desgosto, medo, alegria, tristeza, surpresa e neutro, permitindo identificar padrões de engajamento, manifestações de apoio e críticas, bem como traços de misoginia e reações predominantes às postagens da primeira-dama.

Misoginia em rede

A misoginia pode ser entendida como um regime cultural de hostilidade contra mulheres, que combina práticas de controle, exclusão e violência simbólica ou material. Não há consenso sobre sua definição, mas a literatura converge em apontá-la como um mecanismo que legitima a dominação masculina e sustenta diferentes formas de violência. Longe de se restringir a atitudes individuais, a misoginia constitui um sistema de valores e representações sociais que naturalizam a inferiorização das mulheres e orientam discursos e comportamentos cotidianos.

No ambiente digital, esse regime se intensifica. O conceito de “misoginia em rede” (*networked misogyny*) (Banet-Weiser; Miltner, 2015) descreve como a hostilidade contra mulheres ganha força, visibilidade e permanência em plataformas digitais. Favorecidas pelas

dinâmicas do anonimato, da viralização e da capacidade coordenada de ataques, as redes transformam a misoginia em uma prática coletiva que vitima, especialmente, jornalistas, políticas e artistas. Dificultando o acesso feminino à esfera pública.

Em um contexto de crise estrutural do capitalismo, os mecanismos de reafirmação de hierarquias sociais tendem a se intensificar. O fascismo histórico operou pela desumanização de segmentos sociais, pela reafirmação da família patriarcal como núcleo de estabilidade e pela naturalização da violência como um instrumento preventivo. Tais dinâmicas encontram ressonância no fenômeno contemporâneo da misoginia em rede. Como apontam Banet-Weiser e Miltner (2015), esse tipo de violência não pode ser compreendido como produto exclusivo de comportamentos individuais ou das affordances técnicas das plataformas digitais, mas deve ser entendido como uma atualização de condições históricas e culturais que moldaram a própria internet — marcada desde suas origens por um ethos branco, masculino e militar-científico, centrado na agressividade e na exclusividade masculina. Dessa forma, tanto no entre guerras quanto na atualidade, observa-se a tentativa de conter avanços sociais e políticos por meio da reafirmação de hierarquias de gênero e raça.

Nesse sentido, a análise de Gláucia Alves (2020) destaca que a crise estrutural do capitalismo expõe as entranhas da ofensiva reacionária e conservadora contemporânea. Tal conjuntura, ao mesmo tempo em que revela os limites da democracia liberal, abre espaço para a ascensão de projetos políticos autoritários, como o bolsonarismo no Brasil, que se valem das plataformas digitais como arenas de difusão de violência simbólica e misoginia.

A misoginia em rede, portanto, pode ser interpretada como um dispositivo de contenção contrarrevolucionária que, à semelhança das estratégias fascistas do passado, busca preservar privilégios masculinos e racializados diante da ameaça representada pelos avanços das mulheres e demais grupos subalternizados nos espaços públicos e digitais. Neste sentido, é também reflexo do ressentimento, diante da perda de status por parte de homens brancos.

A precarização do trabalho e a percepção de que mulheres estariam “invadindo” áreas consideradas naturalmente masculinas — como a tecnologia e os jogos digitais — alimentam narrativas de vitimização masculina, centrais a denominada “*redpill*” (Van Valkenburgh, 2018), uma identidade política baseada em ressentimento, supremacia branca e masculinidade ameaçada. Esse deslocamento simbólico gera uma lógica de soma zero: se

as mulheres avançam em direitos e participação, significa que os homens necessariamente perdem espaço e poder.

Nesse contexto, transformam-se frustrações econômicas e sociais em hostilidade dirigida às mulheres, reinterpretando o feminismo como ameaça à masculinidade. Diversas subculturas masculinas *online*, compiladas por Silva, Nascimento e Bertasso (2025), evidenciam como esse ressentimento se organiza em práticas e identidades específicas nas redes, a saber: a) Ativistas dos direitos dos homens (*MRAs - Men's Right Activists*): advogam mudanças que supostamente beneficiam os homens, frequentemente criticando políticas de igualdade de gênero; b) Homens seguindo seu próprio caminho (*MGTOW - Men Going Their Own Way*): defendem a manutenção de distância das mulheres como forma de autopreservação; c) Artistas da sedução (*PUs - Pick-up Artists*): ensinam técnicas de conquista que podem incluir práticas de coerção ou violência sexual; d) Celibatários involuntários (*Incls - Involuntary Celibates*): percebem-se como incapazes de conquistar parceiras, responsabilizando mulheres por sua situação e, frequentemente, expressando hostilidade extrema. Essas categorias demonstram como relações de gênero, frustração econômica e percepção de ameaça simbólica convergem na produção de misoginia e violência online, moldando práticas e identidades que se reforçam mutuamente no espaço digital.

Desse modo, para Banet-Weiser e Miltner (2015), a misoginia em rede não é apenas um efeito colateral das plataformas, mas uma resposta cultural e política à presença feminina em espaços historicamente masculinos e à reconfiguração contemporânea das hierarquias de gênero. Ela funciona como mecanismo de reafirmação da masculinidade em crise, tanto pela preservação de territórios simbólicos quanto pela externalização de ressentimentos sociais e econômicos sobre os corpos e vozes das mulheres.

Os algoritmos das plataformas não são neutros nesse processo. Ao priorizar conteúdos capazes de gerar engajamento, eles criam incentivos para a circulação de mensagens que provocam choque, raiva ou indignação. Como discursos misóginos mobilizam reações intensas, acabam recebendo mais visibilidade, ampliando tanto seu alcance quanto seus impactos. Assim, a lógica algorítmica não apenas reproduz desigualdades de gênero já existentes, mas também oferece novas condições para a expansão da misoginia, convertendo a violência simbólica em ativo de atenção e, muitas vezes, em capital econômico para as próprias plataformas. A lógica algorítmica, assim, opera como catalisadora de desigualdades (Bucher, 2018; Gillespie, 2018) e transforma as

plataformas em arenas nas quais a presença feminina é constantemente vigiada, avaliada e atacada.

Essa dinâmica algorítmica se manifesta de forma concreta em contextos de disputa política. Durante a campanha que analisamos, Natália Bonavides, candidata a prefeita, foi alvo de uma onda de ataques, incluindo *fake news* e ameaças explícitas de morte. Um áudio que circulou no *WhatsApp* traz a seguinte fala de um dos agressores: “aqui no Nordeste é fácil de resolver, já falei. [...] Manda o matador pegar essa bicha, levar lá para o canavial e dar cabo dela. Acabou-se, entendeu?” (Maia, 2024, *online*). Em um vídeo divulgado nas suas plataformas, Bonavides (2024) denunciou ao Supremo Tribunal Federal (STF) casos de desinformação e violência política de gênero promovidos por adversários ligados ao bolsonarismo, que utilizam recursos públicos para interferir no processo eleitoral. E afirmou seu compromisso em continuar defendendo a presença das mulheres na política e a necessidade de um ambiente menos hostil para elas.

A misoginia não se limita à deslegitimação simbólica, converte-se em ameaça concreta. A história recente da política latino-americana revela um padrão de silenciamento violento de mulheres que ousam disputar espaços de poder. No Brasil, o assassinato da vereadora Marielle Franco em 2018 ainda repercute como um dos episódios mais emblemáticos desse cenário. De forma ainda mais recente, em maio de 2024, a candidata à prefeitura de Celaya, no México, Gisela Gaytán, foi assassinada a tiros durante uma transmissão ao vivo, enquanto realizava campanha na cidade. Esse crime se insere em um contexto de crescente violência contra mulheres na política, especialmente na América Latina, onde o gênero se torna um marcador de vulnerabilidade política e física (Rios e Valdés, 2024, *online*).

Judith Butler (2018) argumenta que o gênero é performativo, ou seja, construído por meio de repetições e expectativas sociais. Quando mulheres como Janja Silva ou Natália Bonavides performam politicamente fora do lugar esperado, ou seja, ocupam o espaço público com protagonismo, confiança e discurso afirmativo, elas rompem com os scripts tradicionais do feminino e se tornam alvos de sanções simbólicas e reais. O ódio direcionado a elas funciona como uma tentativa de restaurar a “ordem de gênero” naturalizada, baseada na “obediência” e na contenção da expressão política feminina.

No ambiente das plataformas digitais, especialmente no Instagram, essa repetição ganha uma nova camada de visibilidade e regulação: as usuárias políticas precisam repetir certos modos de se apresentar para “manter” uma identidade coerente perante o olhar do

público e dos algoritmos. Janja Silva, ao utilizar uma linguagem do afeto em sua comunicação digital, como estratégia, constrói uma identidade pública que mistura política e feminilidade, que pode estar sujeita a uma análise algorítmica e social. Essa performance é atravessada por uma mediação algorítmica (Bucher, 2018), que atua como força social reguladora, definindo o que se torna visível, legítimo e valorizado no espaço digital.

No contexto digital, essas agressões são potencializadas por mediações algorítmicas que amplificam conteúdos polarizados, na qual os algoritmos moldam tanto a visibilidade quanto a ocultação. No caso de mulheres na política, essa mediação é especialmente crítica, conteúdos que não se alinham a determinadas expectativas de engajamento podem ser suprimidos ou não recomendados, dificultando sua disseminação. Então, as plataformas não são ambientes neutros, mas regimes sociotécnicos de visibilidade que atuam segundo lógicas comerciais e afetivas, moldando o que se pode conhecer e reconhecer na esfera pública.

Caminhos metodológicos: coleta, análise emocional e codificação qualitativa

Inicialmente, identificamos postagens específicas de Janja Silva realizadas em apoio à candidatura de Natália Bonavides (PT) à prefeitura de Natal-RN. A escolha das postagens foi baseada em critérios de relevância e impacto no contexto local, considerando sua presença no município durante o período de campanha e o objetivo de mobilizar eleitores. A escolha de Natal (RN) para esta análise foi baseada na relevância política, social e simbólica da cidade durante as eleições municipais de 2024. A cidade concentrou debates polarizados entre forças políticas divergentes nas candidaturas de dois então deputados federais do estado: no campo progressista, Natália Bonavides (PT); e no campo conservador e de situação, por Paulinho Freire (União Brasil).

Janja Silva marcou presença física em Natal durante o segundo turno das eleições municipais, reforçando seu apoio à candidatura de Natália Bonavides. Essa atuação direta em campanhas locais evidencia o peso estratégico da cidade e a importância de sua figura pública para mobilizar eleitores. As postagens relacionadas à sua visita receberam atenção significativa nas plataformas, sendo um rico material para análise de engajamento e manifestações nos comentários.

A candidatura de Natália Bonavides, apoiada por Janja Silva, reflete o embate ideológico central da política brasileira. A primeira-dama reforçou sua conexão com pautas progressistas, atraindo tanto apoio quanto críticas, que frequentemente carregam traços

misóginos. Além disso, o Nordeste tem sido historicamente um palco central para disputas ideológicas no Brasil. A análise das manifestações nos comentários das postagens de Janja Silva não apenas expõe traços misóginos, mas também revela narrativas políticas que ressoam em uma região onde essas disputas ganham intensidade.

Para coletar os dados, utilizamos a extensão IG Comment Exporter, uma ferramenta capaz de extrair comentários públicos diretamente do Instagram. Os dados coletados incluíram: 1) Nome do usuário (utilizamos de forma anônima); 2) O texto dos comentários; 3) Data e o horário de publicação; e 4) Número de curtidas e respostas. A publicação selecionada para a extração dos dados foi realizada por Janja Silva em seu perfil no *Instagram* no dia 16 de outubro de 2024, como podemos observar na figura 1. Nesta postagem, a primeira-dama manifestou publicamente seu apoio à candidatura de Natália Bonavides à prefeitura de Natal (RN). Utilizando a extensão *IG Comment Exporter*, foram extraídos um total de 1.755 comentários. Esses dados constituem a base da análise, permitindo identificar padrões de engajamento, manifestações de apoio e críticas, bem como possíveis traços de misoginia nos discursos presentes nos comentários.

Figura 1: Print do Instagram de Janja Silva



Fonte: Printscreen da Página @janjalula no Instagram.

Esses dados foram armazenados em formato CSV para posterior processamento. A etapa de organização e limpeza foi realizada no ambiente de programação *Google Colab*,

utilizando a linguagem *Python*. Esse processo envolveu as seguintes etapas: a) Remoção de ruídos: Eliminação de caracteres especiais, links, emojis e menções para garantir que o foco permanecesse no conteúdo textual dos comentários; b) Padronização: Conversão de todo o texto para letras minúsculas e remoção de *stopwords*¹ para facilitar a análise semântica; c) *Tokenização*: Divisão dos textos em palavras-chave individuais, permitindo uma análise mais detalhada do conteúdo dos comentários.

Após a etapa de normalização do texto e o salvamento da planilha contendo os comentários processados, a nova planilha foi integrada ao código para realizar a análise das emoções presentes nos dados. Esse processo permitiu identificar e categorizar as emoções expressas nos comentários em sete categorias principais: raiva, desgosto, medo, alegria, tristeza, surpresa e neutro. A análise emocional oferece uma visão mais aprofundada sobre os sentimentos predominantes nas interações, possibilitando compreender melhor as reações dos usuários à postagem de Janja Silva.

Um dos passos cruciais para configurar o código de análise das emoções foi utilizar a chave de acesso da *Hugging Face*², que foi configurada e inserida corretamente no sistema. Através dessa chave, foi possível integrar o modelo de análise emocional da plataforma ao código. Após esse processo de configuração, a análise foi realizada nos comentários extraídos, e os resultados foram registrados em uma nova aba da planilha

Emoções políticas e misoginia algorítmica: análise dos comentários

Durante o processo de normalização dos textos dos comentários extraídos, foi criada uma nuvem de palavras, como podemos observar na figura 2, para identificar os termos mais citados pelos usuários. Essa visualização permitiu destacar palavras de maior recorrência, variando entre expressões de apoio à candidatura de Natália Bonavides e menções críticas direcionadas a Janja Silva. A nuvem de palavras revelou termos associados a polarização política, com vocabulário que oscila entre elogios, críticas construtivas e ataques, refletindo a intensidade e a complexidade das interações presentes na postagem. As palavras de maior destaque, como “Janja”, “primeira-dama”, “não”, “mulher”, “Natal”, e “Brasil”, indicam os temas mais recorrentes nas interações.

¹ "*Stopwords*" são palavras muito frequentes em um idioma que, em geral, não carregam muito significado semântico por si mesmas.

² Plataforma e empresa de inteligência artificial que oferece ferramentas, modelos e bibliotecas voltadas para o processamento de linguagem natural (NLP) e aprendizado de máquina.

Quadro 1: Categoria das emoções identificadas

EMOÇÃO	QUANTIDADE
Neutro	1.205
Alegria	159
Tristeza	80
Surpresa	72
Raiva	54
Desgosto	24
Medo	10

Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar que a coleta realizada pelo processo automatizado apresenta limitações no que diz respeito à precisão das classificações. Embora a análise quantitativa seja útil para identificar tendências gerais, não necessariamente reflete a subjetividade e a complexidade de cada comentário quando analisado manualmente. Isso ocorre porque o modelo utilizado pode simplificar ou interpretar de forma imprecisa nuances que seriam evidentes em uma análise humana.

Esse desequilíbrio ressalta a importância de complementar análises automatizadas com verificações manuais, especialmente em contextos nos quais o significado de palavras ou expressões depende do tom, do contexto político e social ou da intenção do autor do comentário. No caso do estudo envolvendo os comentários no perfil no Instagram de Janja Silva, essas diferenças podem ser ainda mais pronunciadas, considerando o caráter polarizado das discussões políticas.

Uma observação importante é que muitos dos comentários analisados trazem um tom de ironia, o que pode confundir o modelo automatizado ao classificar emoções. A ironia, por sua natureza, envolve a expressão de ideias ou sentimentos que não corresponde literalmente ao que está sendo dito, o que torna sua identificação particularmente desafiadora para algoritmos baseados em análise de texto. Essa dificuldade pode explicar por que algumas classificações, como “alegria” ou “neutro”, podem não refletir o verdadeiro conteúdo emocional dos comentários quando avaliados manualmente. Por exemplo, um comentário que elogia, mas de forma sarcástica, pode ser classificado como “alegria” pelo modelo, mesmo que o tom real seja de crítica ou desdém.

Portanto, ao observarmos a predominância de classificações como “neutro” ou “alegria” nos resultados, é necessário considerar que essas categorias podem incluir expressões irônicas que escapam à interpretação literal do texto. Esse aspecto reforça a necessidade de um refinamento metodológico, que poderia incluir treinar o modelo com exemplos específicos de ironia ou complementar a análise automatizada com uma amostra de validação manual para garantir maior fidelidade aos contextos reais dos comentários.




Frequência de Comentários Misóginos

A segunda parte da análise envolveu a classificação manual dos comentários em três categorias: misóginos explícitos, misóginos implícitos e neutros. Esse processo foi realizado com base na interpretação do contexto e do conteúdo de cada comentário. Os comentários misóginos explícitos são aqueles que expressam violência verbal direta contra mulheres, com o uso de ofensas, xingamentos ou negações abertas de sua legitimidade em espaços de poder.

Já os comentários misóginos implícitos são apresentados de maneira mais sutil, por meio de estereótipos ou invalidação disfarçada, como quando se reduz a atuação política feminina à aparência ou a vínculos afetivos com homens. Por fim, os comentários neutros são aqueles que, ainda que críticos ou elogiosos, não apresentam viés de gênero, mantendo-se no campo do debate argumentativo ou informativo. Optamos por delimitar a emoção medo como recorte da amostra por se tratar de uma das emoções com menor número de ocorrências identificadas no *corpus* geral, o que possibilita uma análise qualitativa mais aprofundada e detalhada das interações, com podemos ver no quadro abaixo:

Quadro 2: Classificação de comentários associados à emoção medo

Nº	COMENTÁRIO	CLASSIFICAÇÃO	ANÁLISE
1	@janjalula eu preciso falar com sua equipe urgente.	Neutro	Comentário direto e informativo, sem linguagem de gênero ou julgamento de valor.
2	Horror, @lulaoficial! Sancionar lei apoiando o rodeio. Governo Lula a favor da crueldade, inimigo dos animais!!	Neutro	Crítica emocional voltada a uma decisão política e à figura masculina do presidente. Não há linguagem de gênero.
3	Que pesadelo para o povo de	Misógino	Mesmo sem referência direta ao

	Natal. Que Deus tenha piedade de vocês.	implícito	gênero, o contexto indica reprovação à possível eleição de uma mulher do PT, sugerindo desqualificação simbólica e ideológica.
4	PIADA DO DIA “Não podemos eleger alguém que seja mentiroso”, diz Lula 	Misógino implícito	Comentário irônico que, embora pareça focar em Lula, possui um subtexto voltado à desqualificação indireta de figuras femininas próximas (como Janja e Natália).
5	Janja, estamos preocupados com a pressão da Globo e principalmente dos EUA, PARA NOS AFASTAR DE RÚSSIA E CHINA! [...]	Neutro	Embora cite Janja, o comentário expressa preocupação com o cenário internacional. Como o perfil é privado, não é possível confirmar tom irônico ou viés de gênero.
6	Vamos extinguir essa prag4 que está destruindo as famílias, as crenças, o nosso Brasil. PT nunca mais	Misógino explícito	O termo "prag4" é uma forma pejorativa e codificada de ataque a mulheres no espaço político. Linguagem hostil e ofensiva.
7	Que horror	Misógino implícito	Apesar de curto, o comentário revela ironia e desprezo, vindo de um perfil conservador. A crítica tem conotação negativa e sugere desacordo com figuras femininas.
8	Quando Lula subiu no palco, começou a chover. Oh Homem abençoado!!! 	Neutro	Comentário de apoio à figura masculina do presidente. Não há linguagem misógina nem referência a mulheres.
9	com certeza o seu nome terrível	Neutro	O perfil estava privado, dificultando a interpretação do alvo da crítica. Sem elementos claros de gênero, opta-se pela neutralidade.
10	Natália sem dúvida será prefeita na nossa capital, 	Neutro	Comentário de apoio a uma mulher na política, com linguagem positiva.

Fonte: Elaboração própria.

A análise dos 10 comentários associados à emoção medo, conforme os critérios de classificação qualitativa definidos neste estudo, revela nuances importantes no modo como

o medo é discursivamente mobilizado em ambientes digitais e como pode estar vinculado, direta ou indiretamente, a conteúdos com conotação de gênero. Após classificação dos comentários, com base tanto na análise do conteúdo textual quanto na verificação do contexto dos perfis públicos (quando disponíveis), observou-se a seguinte distribuição: 1 comentário misóginos explícito, 3 comentários misóginos implícitos e 6 comentários neutros.

O único caso de misoginia explícita identificou o uso de linguagem agressiva e ofensiva voltada a mulheres na política, como no comentário que utiliza o termo “prag4”, uma forma codificada e pejorativa. A mensagem associa a presença feminina à destruição de valores nacionais e familiares, operando por meio da deslegitimação direta e violenta. Já os comentários classificados como misóginos implícitos apresentam formas mais sutis de exclusão simbólica.

Comentários como “Que pesadelo para o povo de Natal” e “Que horror”, embora curtos e sem referências diretas ao gênero, revelam tom negativo, irônico ou de desqualificação, especialmente quando associados a perfis com discurso ideológico conservador e oposição recorrente à presença de mulheres no espaço político. Essas falas atuam pelo viés, pela sugestão indireta de que a atuação feminina é inadequada ou sem importância. Outro exemplo de misoginia implícita aparece no comentário que ironiza a frase “não podemos eleger alguém que seja mentiroso”, atribuindo-a a Lula. Embora aparentemente neutro, o discurso carrega um subtexto que deslegitima figuras femininas ligadas ao presidente, como Janja Silva e Natália Bonavides, especialmente ao ser emitido por um perfil que tem publicações constantes de ataques a mulheres na política.

Os demais comentários foram classificados como neutros, por não apresentarem indícios de julgamento de valor baseado em gênero, ainda que contenham críticas políticas ou expressões emocionais. Um dos casos, por exemplo, menciona a figura de Janja Silva em uma análise geopolítica, expressando preocupação com alianças internacionais. Como o perfil era privado e o conteúdo não apresentava elementos ofensivos, o comentário foi considerado neutro, respeitando o princípio da objetividade analítica. Outro comentário, “com certeza o seu nome terrível”, também foi classificado como neutro, pois não foi possível identificar o alvo nem o contexto com clareza.

Percebemos que quando há misoginia, especialmente na forma implícita, ela atua de maneira simbólica, por meio de expressões ambíguas, ironias ou códigos ideológicos que

desqualificam, marginalizam ou questionam a legitimidade da presença feminina na esfera pública.

A análise evidencia, portanto, a importância de cruzar métodos automatizados de identificação emocional com leituras qualitativas e contextuais, capazes de revelar camadas discursivas muitas vezes invisibilizadas em classificações superficiais. A escolha de uma amostra reduzida permitiu aprofundar essas camadas e demonstrar como o medo pode funcionar como gatilho discursivo para manifestações de controle, julgamento e silenciamento das mulheres, mesmo quando não explicitamente nomeadas.

Discussão dos Resultados

O apoio de Janja Silva a Natália Bonavides gerou uma reação desproporcional que ultrapassa o debate político e expõe as barreiras estruturais que mulheres enfrentam na política brasileira. O volume de comentários misóginos, aliado à sua natureza implícita ou disfarçada, evidencia a necessidade de estratégias mais efetivas para combater a misoginia *online* e promover um ambiente de respeito no debate político. Embora os ataques sejam direcionados a Janja Silva ou Natália Bonavides, eles representam um padrão maior de resistência a figuras femininas em espaços de poder. Esse cenário exige medidas educacionais e tecnológicas para combater a misoginia e promover um ambiente digital mais inclusivo e igualitário.

A análise de emoções indicou maior proporção de comentários com conteúdo negativo, comentários críticos direcionados à primeira-dama muitas vezes associavam a candidata do PT à corrupção ou à polarização ideológica. O apoio público de uma mulher a outra em um cenário político é percebido como uma ameaça por determinados grupos, o que amplifica a misoginia implícita e explícita. Isso indica que as alianças femininas em espaços de poder ainda enfrentam forte resistência no Brasil.

A polarização política é um fator que aumenta os ataques, mas os dados revelam que o gênero das figuras envolvidas é um elemento central nos discursos negativos. Críticas que poderiam ser direcionadas exclusivamente à ideologia ou aos planos políticos são misturadas com ataques de cunho pessoal e de gênero. Discursos misóginos não são apenas reflexo de preconceitos, mas também ferramentas para desmobilizar eleitores e enfraquecer candidaturas femininas. O caso ilustra como as mulheres enfrentam desafios duplos: ideológicos e de gênero. Neste sentido, a misoginia em rede funciona como um mecanismo estrutural de contenção da participação feminina na política brasileira. O volume de

comentários misóginos, muitas vezes implícitos ou disfarçados, ultrapassa o debate político, refletindo barreiras históricas enfrentadas por mulheres em espaços de poder. Tal hostilidade, no entanto, conforme apontam Banet-Weiser e Miltner (2015), é uma atualização de um regime cultural de violência, que legitima a dominação masculina e reage à presença feminina como ameaça simbólica. A reação desproporcional ao apoio público de uma mulher a outra, evidenciada pela associação constante das candidatas à corrupção, polarização ideológica e ataques pessoais, demonstra que alianças femininas são percebidas como desafio à hierarquia de gênero e, portanto, alvo de misoginia explícita e implícita.

A análise também indica que a mediação algorítmica intensifica essas práticas de hostilidade, ampliando o alcance e a visibilidade de comentários negativos, e transformando frustrações sociais e ressentimentos masculinos em ataques coordenados. Assim, os ataques contra Janja Silva e Bonavides funcionam simultaneamente como deslegitimação simbólica, intimidação e tentativa de restaurar uma ordem de gênero tradicional, reforçando a percepção de que avanços femininos em direitos e participação são uma ameaça ao *status* masculino.

Considerações Finais

Este estudo analisou as manifestações misóginas nos comentários de uma publicação de Janja Silva, com foco no apoio à candidatura de Natália Bonavides à prefeitura de Natal. Através de uma abordagem quantitativa, foi possível identificar padrões de misoginia explícita e implícita, além de categorizar as emoções associadas aos comentários, como medo, raiva, alegria, tristeza e neutro. Os principais achados revelaram uma forte presença de ataques de gênero direcionados a Janja Silva, associando seu apoio à Bonavides a recriminações políticas e de gênero.

Entre as categorias emocionais mapeadas, optou-se por aprofundar a análise qualitativa da emoção medo, recorte escolhido por se tratar de uma das categorias com menor volume de ocorrências na base de dados. Além disso, o medo identificado nos comentários pode ser associado a um ressentimento estrutural, derivado da percepção de ameaça à masculinidade ou ao status social, configurando-se como uma reação defensiva que alimenta hostilidade e reforça narrativas misóginas. A escolha permitiu uma leitura mais detida das nuances simbólicas, expressões ambíguas e possíveis manifestações veladas de violência de gênero presentes nos discursos.

Apesar de fornecer uma visão relevante sobre o fenômeno da misoginia nas plataformas digitais, o estudo possui algumas limitações. A principal delas está no processo de análise manual dos comentários, por isso optou-se por analisar dez comentários previamente classificados com a emoção medo, a partir dos quais se aplicou uma categorização baseada em três tipos de conteúdo: misoginia explícita, misoginia implícita e comentários neutros.

Percebemos que a classificação das emoções e a identificação de misoginia dependem da precisão dos algoritmos utilizados, o que pode gerar distorções na interpretação dos dados, especialmente em contextos de ironia e sarcasmo, comuns nas interações *online*. Considerando as implicações do estudo, uma aplicação prática seria o treinamento de mais ferramentas automatizadas para detectar misoginia em tempo real nas plataformas, especialmente em contextos políticos.

A análise qualitativa, conforme detalhada anteriormente, evidenciou que, embora a maioria dos comentários com emoção medo não apresentasse elementos de ataque direto (sendo classificados como neutros), foi possível identificar casos de misoginia operando de forma indireta. Comentários breves e ambíguos, revelaram conteúdos de desqualificação simbólica quando contextualizados a partir do perfil do autor, do cenário político e da presença de mulheres em espaços de poder. Identificaram-se ataques velados que, embora centrados em figuras masculinas, como o presidente Lula, carregam subtextos que deslegitimam a atuação de mulheres associadas a ele. Um dos aspectos mais relevantes observados foi o uso de ironia, sarcasmo e códigos ideológicos como forma de disfarçar o preconceito de gênero, tornando-o mais difícil de ser identificado por sistemas automatizados de detecção. Isso reforça a importância da análise contextualizada e qualitativa, capaz de acessar camadas discursivas que passam despercebidas em abordagens puramente computacionais.

Em suma, esta pesquisa oferece subsídios valiosos para a compreensão de como a misoginia se articula nas interações digitais de forma tanto explícita quanto simbólica, especialmente em contextos de elevada polarização política. Ao evidenciar os modos como emoções como o medo são mobilizadas em práticas de deslegitimação de mulheres na esfera pública, o estudo contribui para os debates contemporâneos sobre representação de gênero, discurso de ódio e democracia digital. Do mesmo modo, estabelece bases para investigações futuras.

Referências

- ALVES, Gláucia Lelis. Capitalismo e patriarcado: a disputa hegemônica no Brasil no contexto bolsonarista. **Crítica e Sociedade**: revista de cultura política, Uberlândia, v. 10, n. 1, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/criticassociedade/article/download/67447/35046>. Acesso em: 24 set. 2025.
- BANET-WEISER, Sarah; MILTNER, Kate. #MasculinitySoFragile: culture, structure, and networked misogyny. **Feminist Media Studies**, 16(1), 171–174, 2015 <https://doi.org/10.1080/14680777.2016.1120490>. Acesso em: 24 set. 2025.
- BONAVIDES, Natália. **O desabafo de Natália Bonavides contra as fake news no 2º turno em Natal**. YouTube, Canal Cortes 247, 17 jul. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PhtrKh46BMg>. Acesso em: 16 jul. 2025.
- BUCHER, Taina. **If...Then**: Algorithmic Power and Politics. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- MAIA, Elijonas. **PF investiga áudio com ameaça de morte contra candidata à Prefeitura de Natal; ouça a gravação**. CNN Brasil, Brasília, 25 out. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/eleicoes/pf-investiga-audio-com-ameaca-de-morte-contra-candidata-a-prefeitura-de-natal-ouca-a-gravacao/>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- RIOS, Michael; VALDÉS, Ivonne. **Candidata a prefeita no México é morta a tiros durante transmissão ao vivo**. CNN Brasil, 2 abr. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/candidata-a-prefeita-no-mexico-e-morta-a-tiros-durante-transmissao-ao-vivo/>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- SANTINI, R. Marie; SALLES, Débora; BELIN, Luciane L; BELISÁRIO, Adriano; MATOS, Bruno; MEDEIROS, Stéphanie G.; MELLO, Danielle; GRAEL, Felipe; SEADE, Renata; BORGES, Amanda; MURAKAMI, Lucas; CARDOSO, Rafael; DAU, Erick; LOUREIRO, Felipe; YONESHIGUE, Bernardo; CARMO, Vitor do; MAIA, Felipe. **“Aprenda a evitar ‘esse tipo’ de mulher”: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube**. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Publicado em Dezembro de 2024.
- SCARRONE, Camila; SAGGIN, Livia. “Quero ressignificar o que é ser uma primeira-dama”: como a cidadania comunicativa de gênero está entrelaçada ao primeiro-damismo de Janja. **Compolítica**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 77–104, 2024. DOI: 10.21878/compolitica.2023.13.2.676. Disponível em: <https://revista.compolitica.org.br/index.php/revista/article/view/676>. Acesso em: 24 set. 2025.

SILVA, Terezinha; NASCIMENTO, Fernanda; BERTASSO, Daiane. Machosfera no Brasil: desafios práticos e éticos na cobertura jornalística da misoginia nas redes sociais. **E-Compós**, [S. l.], 2025. DOI: 10.30962/ecompos.3146. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/3146>. Acesso em: 24 set. 2025.

VAN VALKENBURGH, Shawn. Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. **Men and Masculinities**, 24(1), 84-103, 2018. <https://doi.org/10.1177/1097184X18816118> (Original work published 2021)